

QUANDO A GUERRA FALA E O CLIMA CALA



— POR MARILUZ COELHO

– Jornalista socioambiental, investigadora júnior do Observatório do Risco do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra,

A narrativa de guerra não é apenas uma disputa de versões. É uma tecnologia de governo. Serve para mudar o foco, acelerar decisões e reduzir o custo político do que, em tempos normais, seria inaceitável. Quando a moldura é a de ameaça existencial, quase tudo o resto passa para segundo plano. É nesse desvio que o petróleo ganha força e a transição energética perde adesão. O mecanismo é simples e recorrente. Começa pelas palavras. Nuclear, terror, sobrevivência, preventivo, cirúrgico. Não são descrições neutras. Funcionam como selos morais. Encolhem o espaço da discordância e empurram o debate para um corredor estreito, onde apoiar vira dever e duvidar soa a fraqueza. O público é conduzido à ideia de inevitabilidade e, quando a guerra parece inevitável, o fóssil reaparece como destino. Quando o conflito entra neste modo, a energia deixa de ser um tema económico e passa a ser tratada como questão de segurança. A linguagem muda e a política muda com ela. A transição energética, que exige prazo, investimento e estabilidade, perde terreno para a lógica da urgência. O petróleo entra como nervo do sistema, não apenas como combustível, mas como fluxo de navios, de seguros, de crédito e de inflação. Basta uma ameaça credível no estreito de Ormuz, mesmo sem fecho formal, para o risco virar prémio e o prémio virar alta.

O bolso sente antes do relatório. E quando a conta aperta, a exigência ética tende a baixar. A pergunta pública muda de eixo. Deixa de ser se é justo e passa a ser quanto vai



A narrativa abre caminho para a guerra, a guerra reabilita o petróleo, o petróleo adia a transição energética e o adiamento aumenta o risco climático que já está a cair sobre todos. O resultado é um século em que se morre no terreno e se perde no planeta

custar. A indignação perde prioridade porque o custo de vida ocupa o centro do debate. A guerra deixa de ser avaliada por princípios e passa a ser medida pelo impacto no supermercado.

Trump entende esta lógica como poucos presidentes. Não trata as redes sociais como canal, mas como arma. Usa repetição, ritmo e imagem para produzir disciplina emocional. Frases curtas, promessa fácil, um inimigo total e uma missão moral.

Sabe que, na primeira janela do ciclo noticioso, não vence quem prova, vence quem fixa a moldura. Isso não é acaso, é método.

O efeito climático é direto e raramente dito com clareza. A guerra faz o fóssil reaparecer como solução provisória, uma provisoriade que se alonga e vira infraestrutura. Cada choque incentiva contratos longos, novas perfurações e investimento em ativos fósseis. O resultado é o adiamento da transição energética

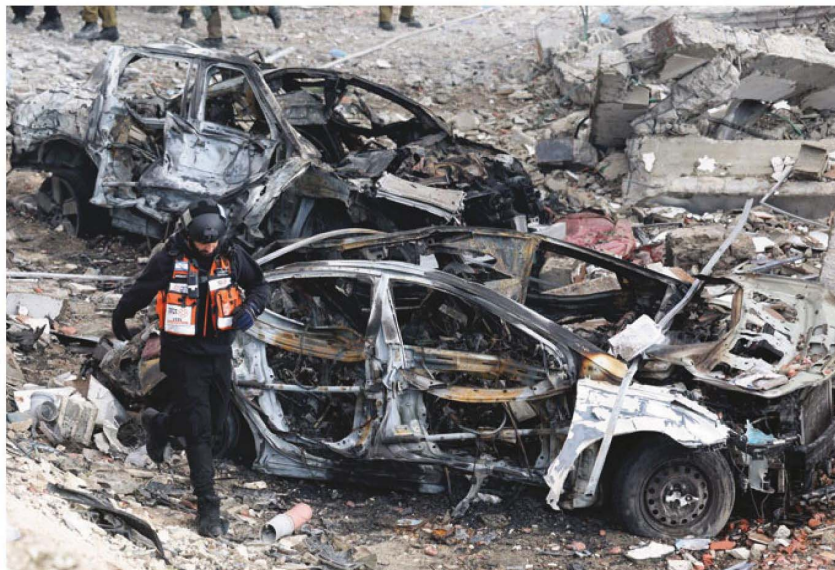
▼ **Caos** Depressa, a guerra lançada pelos EUA e por Israel transbordou para mais de dez países

e a dificuldade crescente de reduzir emissões rapidamente, porque a economia passa a depender de estruturas desenhadas para durar décadas. E o peso dos fósseis no clima é decisivo. Segundo a ONU, o dióxido de carbono proveniente dos combustíveis fósseis e dos processos industriais representa cerca de dois terços das emissões globais de gases com efeito de estufa.

No fundo, nada disto é apenas sobre mísseis. É sobre comando. A narrativa de guerra serve para legitimar a intervenção e organizar o campo político antes de a poeira assentar. Washington e Telavive falam de prevenção e de ameaça nuclear para encurtar o debate e alargar a margem de manobra. Por trás dessa moldura está o velho mapa do poder no Médio Oriente, onde quem lidera controla alianças, bases, rotas e o preço da energia. O Irão é a pedra no sapato porque não cabe nesse desenho. Resiste, arma redes, negocia com Moscovo e Pequim e mantém capacidade de perturbar o ponto mais sensível do sistema: o petróleo. É por isso que o barril aparece sempre, mesmo quando ninguém o nomeia. O petróleo regressa como linguagem de segurança, como medo de interrupção, como prémio de risco e como inflação. A guerra passa a ser discutida como fatura e não como escolha. Quem está no terreno paga primeiro em vidas e destruição. Quem está longe paga no bolso, na instabilidade e na normalização do curto prazo.

O clima paga de outra forma. Cada escalada empurra a crise climática para fora do enquadramento e devolve ao fóssil o estatuto de inevitável. A transição, que precisa de continuidade, investimento e atenção pública, é adiada em nome da urgência. E esse adiamento não é neutro. Quando uma guerra recentra o mundo no barril, reforça a dependência que acelera o aquecimento global.

No fim, a ligação é simples e raramente assumida com clareza. A narrativa abre caminho para a guerra, a guerra reabilita o petróleo, o petróleo adia a transição energética e o adiamento aumenta o risco climático que já está a cair sobre todos. O resultado é um século em que se morre no terreno e se perde no planeta. O clima não aceita adiamentos. Cobra sempre. E cobra com juros. **W** visao@visao.pt



ser livres, mas para isso temos de estar vivos”, afirma.

“Enquanto nós, como nação, não conseguirmos sentar-nos juntos, em paz e com compreensão uns pelos outros, até começarmos a acreditar na democracia, nada vai mudar”, lamenta. “Enquanto continuarmos a querer matar-nos uns aos outros, a gritar ‘Morte a este!’, ‘Morte àquele!’, sem diferença entre quem apoia uns e outros, sem este radicalismo, não vamos ver um dia feliz nas nossas vidas.”

ILUSÃO DE UMA GUERRA CURTA

Nas horas iniciais da operação Fúria Épica, Donald Trump chegou a sugerir que os ataques aéreos conjuntos entre os EUA e Israel poderiam durar apenas alguns dias. Depois, emendou para “quatro a cinco semanas”. Afinal, após as primeiras 72 horas de combates, já admitiu que a guerra “continuará com uma determinação feroz” e “durante o tempo que for necessário”, assegurando que o Pentágono tem capacidade militar para prolongar o conflito sem um prazo definido.

Noutro momento, também já reconheceu que, se for preciso, também admite enviar tropas para o terreno. Embora espere que isso não seja necessário, até para cumprir uma das

promessas que conduziu à sua eleição para um segundo mandato na Casa Branca: a de não voltar a embarcar os EUA em guerras prolongadas, com grandes destacamentos de tropas no exterior, como sucedeu nos casos traumáticos do Iraque e do Afeganistão.

Aos poucos, vai assim desvanecendo-se a ideia de uma “vitória rápida”, como pareceu ter sido o desejo (e a ilusão) de Trump, como forma de repetir o que foi feito na Venezuela, com a captura-relâmpago de Nicolás Maduro, e uma transição de poder que, na prática, manteve o regime igual, mas deixou os EUA numa posição mais favorável em relação ao acesso às reservas de petróleo do país sul-americano.

Neste caso, a resposta iraniana de tentar ampliar o conflito, abrindo novas frentes de guerra, acabou por ser uma espécie de travão a um conflito curto. Revelando que tinham planos preparados para esta eventualidade, os dirigentes de Teerão conseguiram, logo às primeiras horas expandir os cenários de guerra, arrastando as monarquias do Golfo, através de ataques com mísseis e drones, para os Emirados Árabes Unidos, o Catar, a Arábia Saudita, o Bahrein, o Kuwait e Omã.

**Aos poucos, vai-se desvanecendo
a ideia de uma vitória rápida,
repetindo a Venezuela. A resposta
iraniana de tentar ampliar o conflito,
abrindo novas frentes, foi uma
espécie de travão a uma guerra curta**